

EDUARDO GALVÃO

PANEMA

Uma crença do caboclo amazônico

Composto e Impresso na
Emprêza "O PAPEL" Ltda.
R. Lavapés, 538 - Tel. 36-3689
São Paulo

Separata da
"REVISTA DO MUSEU PAULISTA"
Nova Série - Volume V

SÃO PAULO
1951

PANEMA

Uma crença do caboclo amazônico (1)

por

EDUARDO GALVÃO

O moderno caboclo amazônico revela em seu tipo físico, como na sua cultura, o caldeamento de elementos de origem ibérica e ameríndia. Um terceiro elemento, o africano, também contribuiu para essa formação, porém em proporção menos significativa que aqueles dois primeiros. Revela-se sobretudo nos centros urbanos, onde a massa escrava, de origem africana, foi importada em maior escala. As grandes extensões do Vale, porém, foram povoadas quase que exclusivamente pelo feitor ou colono português e o braço indígena, ou pelo mestiço desses dois povos, o mameluco. A preponderância desses dois fatores, que fazem da Amazônia uma área regional ímpar no Brasil, foi condicionada por fatores peculiares ao ambiente amazônico, com sua riqueza em produtos vegetais, as chamadas "drogas do sertão", a ausência de terras produtivas que permitissem o cultivo intensivo da cana de açúcar, tal como se fez no litoral e a fatores de ordem cultural, especialmente a adaptação do indígena à economia extrativa. O cruzamento entre portugueses e índios foi intenso. Porém se a cultura ibérica pode implantar um sistema de comércio e economia, modos de organização, instrumentos de trabalho, absorveu por outro lado, inúmeros elementos culturais desses povos dominados.

Entre esses elementos absorvidos pelo colono português e refundidos na cultura contemporânea do caboclo, descreveremos aqui uma crença religiosa, e como apontaremos mais adiante, não por seu caráter aparentemente exótico, porém por sua importância na vida comunal. O caboclo amazônico, é sem dúvida, católico. Caracterização, contudo, superficial e insatisfatória se definirmos uma forma qualquer de religião como um "com-

(1) A presente descrição é baseada em observações de campo realizadas em uma cidade do Baixo Amazonas e suas vizinhanças.

plexo de interrelações do homem com o sobrenatural". Um número de outras crenças existe junto à forma local de catolicismo, crenças estas que não podem ser deixadas de lado ou simplesmente definidas como superstições ou abusões, porque elas constituem tal como os preceitos e idéias cristãs, expressões de relações com o sobrenatural, cuja importância é atestada em um número de práticas e técnicas. Algumas dessas crenças tiveram origem no Velho Mundo, patrimônio ibérico ou africano, outras provêm de culturas indígenas. Uma e outras no processo de fusão e incorporação à moderna cultura do caboclo, perderam sua forma original, mescladas e transformadas num corpo de idéias que já não é mais português ou ameríndio, porém uma coisa nova, caboclo. Em alguns casos a mudança foi de tal sorte que se tornou extremamente difícil, sinão impossível, identificar ou retrair a origem de determinada crença ou prática. Em outros, tal identificação é relativamente fácil, mesmo diante de análise superficial. Assim por exemplo, as crenças em seres da floresta ou dos rios como o Curupira, Matinta-perera, Anhangá, o bôto ou a uiára, as "mães", onde a proveniência ameríndia, e mais especificamente, tupi ou tupinizada, é evidente. Observe-se porém, que mesmo essas crenças estão longe de seu molde original, apresentando-se hoje impregnadas e transformadas por elementos de origem diversa. É notória, por exemplo, nas descrições daqueles seres, a origem ibérica de conceitos como "encantado", "louros e alvos", sua identificação ao lobishomem, como na própria tentativa de controlá-los através de rezas, invocações, uso de água benta e imagens de santos.

Entre essas crenças, que nos habituamos a considerar simples abusões ou mera sobrevivência de tempos idos, porém que para uma grande parte da população amazônica rural são importantes porque orientam o indivíduo nas suas relações com o mundo que o cerca, uma que se destaca porque ligada à vida diária do indivíduo, afetando sobretudo seus meios de subsistência, é a **panema**. Esta é uma força mágica, impessoal, que a maneira do **mana** melanésio "infecta" homens, animais e objetos. É porém um **mana** negativo. Não empresta força ou poderes extraordinários ao seu portador ou agente, ao contrário, incapacita-o para a ação a que se destina. **Panema** é comumente definida como "falta de sorte", "azar", "infelicidade", e foi com êsse sentido incorporada ao vocabulário popular do Norte (2). **Incapacidade**, acreditamos, traduz melhor a idéia ou conceito desta crença.

(2) Montoya, A. R. — (Arte bocabulario tezoro y catecismo de la lengua guarany. t. 3, 1876. p. 261 verso): «**PANE** — desdicha, desuentura, soy desdichado, soy desgraciado». Barboza Rodrigues, J. — (Vocabulario indigena com a ortografia correta. Complemento da Poranduba Amazonense. R. J. 1894, p. 30). «**Panema** — subs. mal sucedido, infeliz; desgraça, desdita». Stradelli, E. — (Vocabularios de lingua geral, Portuguez-Nheengatu. Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., t. 104, v. 158, 1928). «**Panema**: infeliz na caça ou na pesca, mofino, imprestavel, sem expediente». Cruls, Gastão — (A Amazonia que eu vi. Rio, 1930, p. 290). «**Panema**: Infeliz, desditoso. Aplica-se principalmente aquele que tendo ido à caça ou à pesca nada colheu». Morais, R. — (O meu dicionario de cousas da Amazonia. R. J. 1931, p. 82). «**Panema**: desditoso, inutil, que não encontra caça nem peixe». Cruz, Ernesto — (Ethymologia indigena, in Rev. Inst. Hist. e Geog. do Pará. vol. X, 1936, p. 504). «**Panema**: individuo sem sorte, desgraça, desdita, infeliz, mal sucedido (B. R.)».

Não é apenas uma falta de sorte ou infelicidade ocasional, porém, uma incapacidade temporária que aflige o indivíduo ou objeto, um processo cujas causas e sintomas podem ser determinados e são conhecidos. Um pescador ou caçador cujo insucesso repetido não pode ser explicado por causas ou circunstâncias que êle considera "naturais", a época imprópria, a qualidade de seus petrechos, etc., atribuirá o fracasso à **panema**, sua própria, de sua linha, carabina ou que outros objetos esteja usando. O cachorro que o acompanha na mata, a canoa em que se transporta, podem ficar **panema**. Por um processo de eliminação êle acaba por determinar o objeto portador da **panema**. Como a **panemice** é muito fácil de ser adquirida, procura-se evitar a infecção recorrendo-se a uma série de técnicas preventivas. Essas incluem banhos e defumações em que a pimenta e o alho são os principais ingredientes, ao lado de um sem número de ervas, "resguardos" e abstenções de determinados alimentos. As fontes de **panema** são variadas, as mais comuns são: mulher grávida que se alimenta da caça ou do peixe apesados por um indivíduo; mulher menstruada que toca um dos petrechos do caçador ou pescador, arma, linha, anzol, etc.; desconfiança, mau estar entre amigos, especialmente por cobiça de alimento; ossos ou espinhas abandonadas no terreiro ao alcance de cachorros, porcos e animais domésticos; feitiçaria. Essas fontes de **panema** estão enumeradas em grau de "veneno", isto é, de malignidade. Embora tôdas as mulheres grávidas sejam potencialmente fontes de **panema**, e da **panema** considerada a mais perigosa, algumas são apontadas como particularmente "venenosas". Caçadores e pescadores, especialmente êsses últimos, têm particular cuidado em saber a quem estão vendendo o seu produto. Indagam e tomam precauções para que o peixe ou a caça não vá cair em mãos de uma mulher grávida que os "envenene", ainda que involuntariamente, pois exceto por feitiçaria a **panema** não é em geral causada por vontade própria. Êles assim procedem não apenas pelo medo da **panema** em si mesma, pois há sempre o recurso da cura. É justamente dos efeitos da cura que temem, pois acreditam que ao curar-se da **panema**, a mulher sofrerá um abôrto ou a criança nascerá pelada, "descascando", para morrer com poucos dias de vida. Um caso típico nos foi relatado por um informante. Êle viajava a negócio e já estava de volta quando num pouso resolveu comprar um pedaço de anta para comer. O caçador que lhe vendeu a caça perguntou se êle estava com a mulher grávida. Nosso homem respondeu na afirmativa, mas garantiu ao caçador que nada aconteceria porque êle próprio é quem ia comer da carne e mais, sua mulher não era "venenosa". Dias passados ao chegar de volta à casa já encontrou a mulher doente. Sofria de uma urticária terrível. Logo a mulher indagou se êle havia comido qualquer coisa "remosa" (maligna), pois por seu lado mantivera dieta (resguardo). O homem lembrou-se do episódio da

anta e logo lhe veio a conclusão que a mulher estava doente, porque **empanemara** o caçador e êste recorrera a um processo de cura. Mandou um positivo ao caçador para que interrompesse a cura e assim evitar maiores padecimentos à mulher. Mas era tarde como êle mesmo pode verificar, pois daí a um mês nasceu-lhe o filho, doente, o corpo escamando todo. Não durou um mês e morreu. Nosso informante esquecido de que segundo seu próprio depoimento fôra êle o principal culpado, tentou processar o caçador, mas nada conseguiu.

Quando o caçador ou pescador sente os efeitos da **panema**, trata de curar-se imediatamente, a si ou ao petrecho infectado. Esse procedimento é porém considerado mau pelas conseqüências que pode acarretar se a fonte da **panema** foi uma mulher grávida. Segundo a ética, êle deve procurar a mulher e pedir-lhe que venha ela mesma curá-lo, única maneira de não lhe causar mal. Benedito, um dos melhores pescadores sempre indagava do estado das mulheres de seus fregueses. Se êle sentia a **panema** que alguma mulher tivesse causado apesar dos seus cuidados, ia chamá-la. Ela tinha que mastigar a linha de pesca com a bôca cheia de pimenta, deixar escorrer a baba de pimenta sôbre o anzol. Se isso falhasse, a **panema** estava nele mesmo. Deixava de pescar por algum tempo, pois se recorresse aos banhos e defumações, era certo a mulher sofrer as conseqüências. No caso de um caçador, a mulher mastiga a pimenta e deixa a baba escorrer pelo cano e pela alça de mira da carabina. Se ineficiente êsse processo, o caçador deve abster-se de outros tratamentos para evitar mal à mulher. Por isso mesmo as mulheres grávidas em geral se alimentam sômente de caça ou peixe apanhados pelo marido ou por um parente próximo. Se um dêesses indivíduos contrai a **panema**, é certo que êle não recorrerá a nenhum tratamento que possa resultar em conseqüências para a mulher. Por outro lado, têm êles a vantagem de poder recorrer a um processo preventivo que não está ao alcance de estranhos. Antes de preparar a caça a mulher mastiga um pedaço assado do fígado do animal juntamente com um punhado de pimentas e deixa a baba escorrer sôbre o fogo que vai assar a peça. A dieta de uma mulher grávida se restringe, por isso, à carne obtida nas tavernas. Alimento dessa proveniência não é considerado **panemoso**.

No caso da **panema** advir do contacto de uma mulher menstruada com a aparelhagem do indivíduo, êle pode curar-se sem maiores preocupações porque nenhum mal recairá sôbre a mulher. Existem caçadores e pescadores que não vendem suas peças a um indivíduo qualquer. Êles temem que pessoas sem cuidado deixem os ossos ou espinhas abandonados, ao alcance de qualquer cachorro ou porco, que se os roerem, é certo **empanemar** o caçador ou pescador. Êsses cuidados se evidenciam particularmente quando o pescador usa uma linha de pesca pela primeira vez. Êle não vende ou cede o peixe mesmo aos amigos, preocupado que está em resguardar os ossos e espinhas que deposita na palha do fumeiro para secar e sômente mais tarde atirá-los fora.

Desconfiança, que nêste uso particular se poderia traduzir por inveja entre dois amigos pelo maior sucesso na pescaria ou na caça de um dêles, é outra fonte de **panema**. Aquele que é invejado fica **panema**. Mesmo crianças gulosas por determinados alimentos que os pais lhes recusam, podem involuntariamente torná-los **panema**, o princípio o mesmo da desconfiança. A desconfiança, além de causa natural da **panemice**, pode levar o indivíduo a recorrer a processos de feitiçaria que tenham como objetivo **empanemar** o indivíduo objeto de inveja. O processo para tal é relativamente simples dispensando o serviço de feitiçeiros profissionais. Para realizar seu intento é bastante ao indivíduo apoderar-se de um pedaço de caça ou do peixe que motivou a desconfiança, e urinar ou defecar sôbre êle. Mais simplesmente pode atirá-lo em sua sentina ou fossa.

Finalmente, o indivíduo deve ser cuidadoso em não lavar a prêsã morta, ou mesmo suas mãos sujas de sangue de caça, num igarapé ou no rio. A "mãe" do igarapé ou do pôrto ficará ofendida e lançará **panema** sôbre o indivíduo. A caça ou o peixe devem ser lavados em terra a alguma distância da água. Os restos do animal não aproveitados devem ser jogados na mata, porém em lugar que não transite pessoa alguma. Se os restos forem deixados numa trilha transitada, pisar sôbre o sangue ou restos de uma prêsã é causa de **panema**.

Os métodos mais comuns empregados na cura da **panema**, são geralmente conhecidos por todos os indivíduos que se dedicam à caça ou à pesca. Embora cada indivíduo tenha predileção por determinado processo ou fórmula, todos êles consistem basicamente em banhos ou defumações em que a pimenta e o alho são os principais componentes. Cipó alho, ninho de gavião cauré, folhas de aninga e uma variedade de ervas "fedorentas e cocentas" são sempre adicionados àqueles dois principais elementos. A dosagem, composição, número de banhos ou defumações, dependem do conhecimento individual e da intensidade da **panema**. É uma prática habitual o indivíduo curar a si mesmo e aos seus petrechos, pelo menos uma vez em cada quinze dias, e não raro tôdas as semanas, para evitar a **panema** que por ventura tenha adquirido ou venha a adquirir.

A importância dessa crença da **panema**, como em suas manifestações torna-se evidente visto que a maioria dos habitantes da localidade e das vizinhanças depende da caça ou da pesca para sua subsistência básica. Mesmo no caso de pescadores ou caçadores semi-profissionais, os efeitos da **panema** são temidos pelos que consomem seus produtos como no caso de mulheres grávidas. O conceito de **panema** está assim intimamente ligado às técnicas básicas de subsistência, e mais que outra crença qualquer, à vida cotidiana do indivíduo.

MUSEU NACIONAL.